



## A CONSTRUÇÃO DO *FANTASY* EM A *PRINCESA E A COSTUREIRA*, DE JANAÍNA LESLÃO

### THE CONSTRUCTION OF *FANTASY* IN A *PRINCESA E A COSTUREIRA*, BY JANAÍNA LESLÃO

Anderson Rany Cardoso da Silva<sup>1</sup>

Wilder Kleber Fernandes de Santana<sup>2</sup>

Eduardo Dias da Silva<sup>3</sup>

Recebido em: 26 jul. 2020

Aceito em: 17 dez. 2020

DOI 10.26512/aguaviva.v6i1.31704

**RESUMO:** Este artigo delimitou como objetivo analisar a construção do *Fantasy* de Tolkien em *A princesa e a costureira*, de Leslão (2015). Nesse sentido, para subsidiar nosso ato investigativo, recorreremos aos pressupostos teórico-etodológicos de Tolkien (2010; 2020), Gomes (2012), Santos (2014) e Arantes (2016), para os quais a literatura fantástica ocupa um papel essencial na investigação científica. A metodologia de pesquisa empreendida é de natureza qualitativa e interpretativa, no sentido de que trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001). Os resultados advindos da análise do texto literário apontam que, na obra, a configuração do *fantasy* se dá a partir do momento em que a autora constrói sua narrativa por meio de personagens considerados comuns, como, a exemplo da presença de uma costureira. A obra, que se caracteriza como um conto de fadas, possui características desse gênero literário, arquiteta um reino encantado, corroborando a construção do *fantasy* no conto brasileiro. Ademais, foi possível identificar, no conto de fadas, a construção do eu-catástrofe por meio de algumas ações, como a presença de um final feliz para os reinos, os problemas que antecederam à normalidade dos fatos e o tratamento do final como uma mágica.

**Palavras-chave:** Literatura fantástica. *Fantasy*. *A princesa e a costureira*.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Proling/UFPB). Membro do grupo de pesquisa CNPq HGEL (Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas) - UFPB. E-mail: [andersomrany031@gmail.com](mailto:andersomrany031@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre e Doutorando em Linguística - Universidade Federal da Paraíba (Proling/UFPB). Pesquisador do GPLEI (Grupo de Pesquisa em Linguagem, Enunciação e Interação) – UFPB. E-mail: [wildersantana92@gmail.com](mailto:wildersantana92@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Literatura e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB). Professor e Pedagogo na Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF). Pesquisador nos grupos CNPq FORPROL e GIEL. E-mail: [edu\\_france2004@yahoo.br](mailto:edu_france2004@yahoo.br)



**ABSTRACT:** This article outlined the objective of analyzing the construction of Tolkien's Fantasy in *A princesa e a costureira* by Janaina Leslão (2015). In this sense, to support our investigative act, we use the theoretical and ethological assumptions by Tolkien (2010; 2020), Gomes (2012), Santos (2014) and Arantes (2016), for whom fantastic literature plays an essential role in scientific research. The research methodology undertaken is of a qualitative and interpretative nature, in the sense that it works with a universe of meanings, motives, aspirations, beliefs, values and attitudes (MINAYO, 2001). The results from the analysis of the literary text point out that, in the book, the fantasy configuration occurs from the moment the author constructs her narrative through characters considered common, such as, for example, the presence of a seamstress. The book, which is characterized as a fairy tale, has characteristics of this literary genre, architect an enchanted kingdom, corroborating the construction of fantasy in the Brazilian tale. Furthermore, it was possible to identify, in the fairy tale, the construction of the catastrophe through some actions, such as the presence of a happy ending for the kingdoms, the problems that preceded the normality of the facts and the treatment of the ending as a magic.

**Keywords:** Fantastic literature. Fantasy. *A princesa e a costureira*.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo, ao tecer algumas discussões sobre o fantástico na literatura<sup>4</sup>, se propõe a analisar a construção do *Fantasy*, de Tolkien (1982-1973) em *A princesa e a costureira*, de Janaína Leslão.

Compreende-se que a designação *literatura contemporânea* atribuída às artes não pode passar por um processo de generalização nem de objetificação (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), mas sobretudo ser problematizada no âmbito das ciências humanas, para que se possa compreender seus processos histórico e ideológico (MEDVIÉDEV, 2016 [1928]). O termo em evidência, além da carga de inovação que traz em sua aplicabilidade, associa-se a outros como crise e ruptura. Assim, “definir um conceito para a produção literária surgida a partir de 1950 é um tanto quanto problemática, porque se está envolto em questões de ordem temporal, devendo-se delimitar qual período seria abarcado por essa denominação” (RIBEIRO; SILVA, 2019, p. 04).

---

<sup>4</sup> Discutiu-se, dentre as temáticas abordadas, sobre o fantástico de Todorov, o realismo mágico de Irlemar Chiampi, o estranho de Freud e, por último, porém não menos importante, o *Fantasy* de J. R. R. Tolkien.



A Literatura, como assinala Candido (1989)<sup>5</sup> notabiliza-se por ser um objeto artístico e estético responsável por atuar como um mecanismo de humanização devido a sua potencialidade em educar e edificar a humanidade. Tal manifestação estética permite aos leitores experimentarem uma realidade, às vezes, bastante diferente da sua, o que revela seu traço característico de ampliar os horizontes de expectativas. Nesse sentido, ancoramo-nos no *Fantasy* de Tolkien para tecermos análises sobre o conto de fadas brasileiro *A princesa e a costureira*, de Janaína Leslão (2015). Importa mencionar que essa nossa propositura discursiva não se constitui como inaugural, mas se insere em um hall de discussões já existentes sobre o Fantasy (JACKSON, 1981; MENDLESOHN, 2008; ARMITT, 2009; SILVA, 2015).

A pesquisa justifica-se pela relevância de tecer olhares sobre uma categoria específica do terreno do fantástico para o ensino de literatura no tocante aos assuntos sobre diversidade sexual e família, pois surge como um auxílio nas discussões sobre configurações familiares, direitos humanos e luta por igualdade de gênero. Assim, para concretização de um trabalho científico-sociológico sobre análise literária, prezamos pela valorização de uma literatura brasileira crítica para o resgate, divulgação e valorização de obras que também protagonizem (ou prestem visibilidade considerável a) o ordinário, o lugar do comum.

A metodologia de pesquisa empreendida é de natureza essencialmente qualitativa e interpretativa, no sentido de que trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2001; SILVA, 2020). Sendo assim, a pesquisa se propõe a descrever, investigar e interpretar o seu objeto – no caso, *o conto A princesa e a costureira* de Janaína Leslão.

Em termos estruturais, o trabalho está dividido em duas seções: a primeira seção do trabalho, intitulada *Entre histórias e fantasias: embates teórico-metodológicos*, vai apresentar a discussão do arcabouço teórico em que iremos discutir a teoria do *Fantasy*, de Tolkien. Na segunda seção, *Análise dos dados: o fantasy em A princesa e a costureira*, apresentamos, então, a análise do texto literário em diálogo com o que foi discutido no arcabouço teórico, e por fim,

---

<sup>5</sup> Em *Ciência e Cultura*, Candido afirma que estas interrelações entre a realidade e o imaginário “[S]ervem para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo sub-consciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos” (CANDIDO, 1972, p. 805).



tecemos algumas considerações finais, que evidenciam além de uma conclusão, pontos de reflexão sobre o manuscrito.

## **1 Entre histórias e fantasias: embates teórico-metodológicos**

Os contos de fada sempre (ou quase sempre) estiveram presentes nas culturas do ocidente, seja devido ao seu caráter moral, seja devido às histórias de amor que neles podem ser encontrados (COELHO, 2012). Dessa maneira, essas histórias convivem (e sobrevivem) há décadas entre leitores comuns e especialistas.

Dotado de histórias de amor, princesas, príncipes, vilãs, elementos figurativos (maças, sapatos de cristais, entre outros), o conto de fadas é um dos gêneros de maior circulação entre o público que consome literatura (TODOROV, 1975; COELHO, 2012). Sendo assim, essas histórias sempre são repletas de personagens maravilhosos, angelicais e (quase) perfeitos, contudo os contos de fada da contemporaneidade, como é o caso da *A princesa e a costureira* de Janaína Leslão (2015), são compostos por pessoas comuns que se aventuram no chamado “reino perigoso” de Tolkien. Em *Sobre história de fadas* (2010), Tolkien afirma que os feitos de uma pessoa comum que se aventura no reino perigoso transcendem os feitos maravilhosos de seres divinos, angelicais e perfeitos.

Desse modo, o conto de fadas citado conta a história da princesa Cíntia, que antes mesmo de nascer foi prometida em casamento para o príncipe Febo. Ambos os personagens integravam reinos diferentes, pois enquanto ela fazia parte do reino *EntreRios*, ele era do reino *EntreLagos*. O casamento dos dois seria a esperança de manutenção da amizade entre os reinos. Contudo, o destino de Cíntia toma outro rumo quando a princesa vai encomendar o seu vestido de casamento e conhece Istar, uma costureira por quem se apaixona.

Os problemas que percorrem a narrativa surgem dessa paixão entre duas mulheres, uma vez que o pai da protagonista não aceita o amor e, conseqüentemente, o casamento entre as duas personagens, tendo em vista que isso desafia os interesses e as tradições dos reinos. Para garantir um final feliz, a princesa e a costureira recebem ajuda da irmã da princesa e do príncipe Febo. No decorrer de nossa pesquisa, averiguamos de que maneira o Fantasy de Tolkien é construído no conto *A princesa e a costureira de Janaína Leslão*. Para isso, descrevemos a construção do Fantasy no conto, bem como analisamos a configuração do eu-catástrofe na



narrativa, de modo que a teoria de Tolkien seja bem exposta a partir do texto literário, o qual nos propomos a analisar.

Nesse percurso interpretativo, “diversas obras que atualmente podem ser consideradas como pertencentes ao gênero fantasia – são histórias de seres imperfeitos, que são limitados, mas que nem por isso se deixam intimidar por sua fraqueza, eles sabem que precisam fazer alguma coisa e o fazem” (ARANTES, 2016, p. 101). Na ótica de Gomes, “as histórias de fadas, nada mais seriam do que histórias de homens no Belo Reino e não sobre os seres encantados que lá habitam. Uma história de aventuras com viajantes, não é histórias de fadas, uma vez que não se passam no Belo Reino e sim no nosso próprio mundo” (GOMES, 2012, p. 44). Nesse sentido, o *fantasy*, não consiste apenas em uma história de fadas, mas é sobretudo compreendido como literatura de fantasia (TOLKIEN, 2010; ARANTES, 2016), constitui-se como lugar próprio do gênero de fantasia, que está para-além do heroísmo do maravilhoso, prestando visibilidade a pessoas comuns, e que são protagonizadas por seu trajeto narrativo.

No horizonte teórico-analítico de Tolkien (2010; 2020), o *fantasy*, enquanto categoria ou efeito que se sustenta paralelamente à esfera literária do fantástico, é capaz de conduzir leitores a exceder níveis superficiais de narrativa. Nesse direcionamento, “a palavra usada no *fantasy* pode trazer em si significados profundos das expressões arquetípicas, ela permite a entrada em outros universos míticos, onde as formas originais e as suas derivações se aglutinam, produzindo a força imagética das narrativas do *fantasy*” (ARANTES, 2016, p. 35).

Os contos de fada, que antes apresentavam um reino encantado composto por seres encantados, agora passam a conter histórias comuns (ou parcialmente comuns) que apresentam a luta dos personagens na busca por um final feliz, que Tolkien (2020) vai denominar de “eu-catastrófico” ou “eu-catástrofe”. De acordo com o referido autor, o perigo sempre vai estar presente, contudo, o final feliz deve ser uma certeza dessas histórias as quais nos reportamos nesta pesquisa, como é possível comprovar a partir do excerto de texto retirado de uma das obras dele:

O reino das histórias de fadas é amplo, profundo e alto, repleto de muitas coisas: todas as espécies de animais e aves se encontram por lá; oceanos sem margem e estrelas incontáveis; uma beleza que é um encantamento, e um perigo sempre presente; alegrias e tristezas agudas como espadas. Um homem pode talvez se considerar afortunado por ter vagado nesse reino, mas sua riqueza e estranheza atam a língua do viajante que as queira relatar. E,



enquanto ele está por lá, é perigoso que faça perguntas demais, para que não se fechem os portões e não se percam as chaves (TOLKIEN, 2010, p. 09).

Partindo desse pressuposto, pessoas comuns, o perigo e o final feliz fazem parte de um tripé essencial nas narrativas referentes aos contos de fadas contemporâneos. Dessa maneira, o *Fantasy* um gênero literário de fantasia, uma vez que por meio de representações e simbolismos, assume compromisso com a imaginação e com personagens comuns e não comuns. É o que acontece, como iremos ler neste trabalho, em *A princesa e a costureira* que é formado por uma série de acontecimentos frustrantes que antecedem o “eu-catastrófico”. Porém, muito mais importante que esses acontecimentos frustrantes, é o final feliz.

Muito mais importante é o Consolo do Final Feliz. Eu quase me arriscaria a afirmar que todos os contos de fadas completos precisam tê-lo. No mínimo eu diria que a Tragédia é a forma verdadeira do Drama, sua função mais elevada; mas o contrário vale para o conto de fadas. Já que ao que parece não temos uma palavra que expresse esse contrário – vou chamá-lo de Eu-catástrofe. O conto eu-catastrófico é a forma verdadeira do conto de fadas, e sua função mais elevada. O consolo dos contos de fadas, a alegria do final feliz, ou mais corretamente da boa catástrofe, da repentina “virada” jubilosa (TOLKIEN, 2010, p. 54).

Leslão (2015) adentra a uma perspectiva de continuidade de narrativas que contêm fantasia, seres imperfeitos e limitados, conforme se explicitará no tópico de análises deste trabalho. Nesse sentido, “a noção de fantasia deve também contemplar histórias nas quais os personagens se deslocam, indo e voltando, entre os limites dos dois mundos” (MARQUES, 2015, p. 39). Em outras palavras, as novas histórias de fantasia devem contemplar personagens comuns imperfeitos, que estão sempre lutando pelos seus ideais, dentro de suas capacidades físicas e imaginativas.

De início, Leslão (2015) descreve a protagonista da narrativa – Cíntia – e o reino em que ela vive a maior parte do tempo. Essa é uma característica típica dos contos de fadas tradicionais.

Era uma vez uma princesa chamada Cíntia. Ela era a filha mais velha do rei e da rainha do reino EntreRios. Este reino tinha os limites demarcados pelas águas de dois rios que desciam das montanhas, garantindo fartura nas colheitas



e trazendo música no som de suas cachoeiras. Cíntia tinha uma irmã um ano mais nova, Selene. Eram muito amigas e viviam no castelo com seus pais. [...] E havia um reino vizinho que se chamava EntreLagos, porque ficava em meio a dois grandes espelhos d'água que, no frio intenso, congelavam e tornavam-se campos de patinação. As duas famílias reais desejavam que seus filhos se casassem entre si para manter os laços de amizade (LESLÃO, 2015, p. 07).

Pela construção linguístico-enunciativa, é possível identificar que o texto analisado se trata de um conto de fadas, uma vez que a história trata de pessoas comuns que se aventura no reino perigoso de Tolkien. Essa é uma constante na narrativa, pois ela é atravessada por pessoas comuns que embaraçam os acontecimentos e, no final das contas, simultaneamente, resolvem-nos.

À baliza de tudo que foi explanado anteriormente, partimos para a análise dos dados, que dizem respeito ao texto de Janaína Leslão (2015) *A princesa e a costureira*. Iremos, pois, analisar cada fragmento de texto retirado do conto, para posteriormente sintetizar os resultados. Diante disso, iremos perceber de que maneira a referida autora constrói o *Fantasy*.

## **2 Análise dos dados: o fantasy em *A princesa e a costureira***

Os personagens do conto de Leslão (2015) nascem destinados a alguma coisa. Nesse caso, a personagem Cíntia nasce com o propósito de se apaixonar pela primeira pessoa que tocasse às costas dela, independentemente de quem fosse, ainda que isso pudesse conduzi-la a se casar com quem não amasse. Narra a autora que

Quando Cíntia nasceu, sua Fada Madrinha ficou preocupada com a ideia de a afilhada ser obrigada a se casar com alguém que talvez não amasse de todo coração e, por precaução, lançou-lhe um encanto: - Princesinha, crescerás e saberás quem é o seu verdadeiro amor assim que essa pessoa lhe tocar as costas! (LESLÃO, 2015, p. 08).

Diante do encanto da fada madrinha da protagonista, um conjunto de ações vai ser desencadeado e caracterizado por tristeza, mágoa, dor e problemas familiares. Percebemos, então, até o presente momento, que o *Fantasy* de Tolkien é construído através da presença de



personagens comuns na narrativa e pela presença de problemas que, possivelmente, serão resolvidos no final da história, resultando, portanto, no que o autor supracitado denominou de eu-catástrofe ou eu-catastrófico.

Naquela semana, Cíntia começou a se dedicar aos preparativos do casamento. Mesmo faltando muitos meses para a cerimônia, a princesa não queria deixar nada para a última hora. Numa tarde, pediu aos empregados que arrumassem a carruagem para o dia seguinte, quando iria com Selene até o povoado, pois soubera que uma exímia costureira tinha chegado de um reino distante. O nome da costureira era Istar (LESLÃO, 2015, p. 11).

Um fato chama atenção na escrita da autora: os acontecimentos sempre são desencadeados a partir de ações que pensávamos que poderia ocorrer tudo bem, como é o caso do encontro entre Cíntia e Istar (costureira pela qual a princesa se apaixona), uma vez que o leitor espera que não passe uma consulta à costureira, quando na verdade é a ponte para as duas personagens se apaixonarem, conforme podemos identificar no trecho anterior.

Quando a princesa chegou, Istar percebeu que havia algo diferente nela. Cíntia era tão educada, tão simples e simpática que Istar ficou encantada. [...] E foi enquanto ajudava Cíntia a subir na banquetta que Istar tocou a mão nas costas da princesa: a profecia se cumpriu! Uma luz tomou conta de todo o ambiente. Um redemoinho de vento se formou na sala, girando Cíntia e Istar junto com as flores que ali estavam (LESLÃO, 2015, p. 17).

A surpresa da paixão entre a princesa e a costureira é um ponto alto na narrativa. Contudo, a cena dialoga com o encanto pregado pela fada madrinha da princesa, uma vez que além do príncipe, a costureira também toca as costas da protagonista. Contudo, Cíntia não se apaixona pelo primeiro que toca suas costas, mas sim pela segunda pessoa, nesse caso Istar. É a partir dessa paixão que os problemas serão, então, desencadeados, como foi dito em outro momento desse texto. “Cíntia começou a chorar porque temia pelo futuro incerto de todos. Disse à irmã que os reis e as rainhas não a perdoariam por descumprir um compromisso assumido por eles há muito tempo”. Narra, ainda, a autora que Cíntia “Pensava que o povo de EntreRios deixaria de amá-la. Que magoaria Febo, seu melhor amigo” (LESLÃO, 2015, p. 19).



Os problemas, portanto, começam a aparecer, pois Cíntia teme o futuro incerto de todos do reino, tendo em vista que casar-se com um príncipe não seria somente uma história de amor, mas sim o que iria promover a manutenção da paz e união entre os reinos. Caso contrário, a princesa seria eternamente responsável por abalar os laços de amizade entre os reinos de EntreRios e EntreLagos<sup>6</sup>.

A revelação de Cíntia do seu amor por uma mulher é, talvez, o ponto mais alto do conto de fada brasileiro, pois é por meio dele que um conjunto de ações dramáticas são desencadeadas, desde a prisão da princesa em um quarto escuro do castelo até mesmo as humilhações que a costureira vai sofrer por tentar salvar sua amada. “A rainha, tentando impedir que levassem sua filha para aquele lugar acidentalmente teve o peito ferido pela lança de um dos guardas. A princesa mais nova, ao ver a irmã ser levada para a clausura por ordem do próprio pai, aproveitou a confusão para fugir” (LESLÃO, 2015, p. 21).

Quando o inverno chegou, o rei de EntreRios estava perdendo as esperanças de que a ferida da rainha cicatrizasse. Sem conseguir pensar em outra coisa, passou dias e noites acordado buscando alguma solução, até que lhe ocorreu uma ideia: daria a mão de Cíntia em casamento para que curasse a rainha (LESLÃO, 2015, p. 27).

Como podemos identificar no trecho anterior, a busca por solução<sup>7</sup> torna-se uma constante, pois são nestas soluções para os problemas reais que pode estar a felicidade

---

<sup>6</sup> Outra característica que pode ser identificada no conto *A princesa e a costureira* de Janaína Leslão (2015) é que cada acontecimento maior ou mudança de narrativa é demarcada por uma estação diferente: inverno, primavera, verão ou outono, conforme pode ser visto na citação abaixo. “No início do outono, durante um jantar, elas se encheram de coragem e solicitaram que todos os empregados saíssem da sala para falarem sozinhas com seus pais. [...] Foi então que, repentinamente, as portas se abriram e o rei ordenou aos guardas: - Prendam a princesa Cíntia na torre do castelo! A torre era um lugar horroroso” (LESLÃO, 2015, p. 20).

<sup>7</sup> Conforme se constata a partir do desenrolar das ações expressas na narrativa, um conjunto de fatores vai apontar para a solução dos problemas da princesa Cíntia, como a ajuda dos familiares – mãe e irmã – e da própria costureira, Istar. Isso caracteriza, conseqüentemente, o conto de fadas, em que os personagens movem qualquer tipo de ação para evitar o pior nessas narrativas. “Em EntreRios, no entanto, desde a noite em que Cíntia foi presa na torre, o canto dos rios ficou diferente. As águas que saltavam das cachoeiras faziam um som abafado ao encontrar as pedras no fundo do leito. Como se não bastassem agiram além de Selene estar desaparecida e Cíntia presa na torre, nada curava o peito ferido da rainha. O rei lançou mão de todos os recursos, mas nenhum médico do rei conseguiu fechar o corte, que sempre e sempre tornava a abrir” (LESLÃO, 2015, p. 25-26). Além da prisão de Cíntia, outro problema vai permear a história: o coração da rainha, que foi ferido ao tentar impedir a prisão da filha. Portanto, percebemos até o momento que o conto é constituído, na maior parte do tempo, por tristezas que podem culminar em um final feliz (eu-catástrofe). Com o decorrer das análises, vamos refutar ou dialogar com isso. Todavia, essas ações de infelicidade podem ser prenúncio de um final feliz e harmonioso entre os reinos citados por Leslão (2015) no conto.



principalmente da princesa presa. Diante do que foi dito no capítulo teórico desta pesquisa, o perigo é sempre presente nestes tipos de texto literário. É o perigo, portanto, que antecede o final feliz das personagens.

A princesa solicitou um encontro com o rei. [...] Durante esse encontro entre pai e filha, Cíntia contou ao pai que ficara sabendo que Istar vinha todos os dias até o castelo com o objetivo de curar sua mão. A princesa lembrou ao pai que ele, que também era muito teimoso, poderia estar perdendo a única oportunidade de salvar a esposa (LESLÃO, 2015, p. 31).

Como uma das soluções para o perigo, o qual nos reportamos anteriormente, a princesa sugere um encontro com seu pai, o rei. O intuito desse encontro é convencê-lo que a costureira é capaz de curar os problemas da rainha. Todos esses problemas e tristeza compõem o perigo e antecedem o eu-catástrofe.

Istar assustou-se quando a carruagem real parou à sua porta no meio da tarde. Quando soube que havia sido convocada pelo rei, pediu a uma vizinha que cuidasse de seu filho e foi para o castelo. Ao chegar, a costureira foi conduzida imediatamente aos aposentos reais. [...] Quando terminou, o rei abraçou sua esposa como há muito tempo não podia, devido às dores que ela sentiu. E logo disse a Istar: - Costureira, como agradecimento por seu feito, mandarei construir para você a casa mais bela de todo vilarejo.

-Alteza, - posicionou-se Istar – não desejo mudar de casa, nem abandonar meu ofício. Gostaria apenas que honrasse vossa palavra, pois anunciou que daria a mão da princesa Cíntia em casamento a quem curasse a rainha (LESLÃO, 2015, p. 34).

Diante da leitura do trecho anterior, começamos a perceber que os problemas começam a solucionar-se, uma vez que a ferida no coração da rainha, por exemplo, acaba. Esses pequenos fatos constroem, mesmo que forma rápida, o eu-catástrofe que nos propomos a investigar em *A princesa e a costureira* de Janaína Leslão (2015). Apesar da solução, o rei descumpra com sua palavra, tendo em vista que ele prometeu a mão da filha em casamento a quem curasse a rainha. Todavia, diante do fato de ser uma mulher – a costureira – a responsável pela solução do problema, ele recusa-se a cumprir com sua palavra. Isso torna-se, portanto, motivo de ira para



a comunidade real, que começou a enxergar o rei de outra forma, isto é, como aquele que não consegue cumprir a própria palavra.

- Joguem a costureira no lugar de costume! A lama é o que ela merece. E os guardas assim o fizeram. Quando Istar contou o que houve, as pessoas não se conformaram. Eles entenderam a decepção do rei nos primeiros dias, mas também reconheceram o verdadeiro amor de Istar pela princesa ao vê-la enfrentar a lama todos os dias (LESLÃO, 2015, p. 36).

A revolta da comunidade real torna-se, pois, um preâmbulo para o rei aceitar a ideia do casamento entre a filha e a costureira. O rei se sente pressionado diante das manifestações de ódio da população. Diante disso, se encaminha o retorno da normalidade e, conseqüentemente, o eu-catástrofe começa a ganhar espaço dentro da narrativa de Leslão (2015). Algumas ações caracterizam e comprovam o que estamos dizendo: a cura da rainha, a libertação da princesa e a concessão da mão da princesa à costureira (esse último fato pode ser visto no próximo trecho extraído do conto).

- Istar, você e a mulher mais corajosa e bondosa que eu já conheci. Curou minha esposa e agora salva a minha vida depois de tudo o que eu fiz. Honrarei minha palavra! – e, olhando para os soldados que já tinham se juntado à multidão para ouvir as palavras de Istar, ordenou: - Tragam a princesa Cíntia da torre do castelo! [...] Em seguida, partiram [Febo e Selene] para o reino vizinho. Tinham muita coisa para fazer: levar Selene de volta a EntreRios; pedir a permissão da outra família para o casamento deles; visitar a rainha, que finalmente estava curada; cumprimentar Cíntia e Istar! Finalmente parecia que a felicidade voltaria a reinar! (LESLÃO, 2015, p. 40-42).

Dessa maneira, conseguimos perceber como a autora constrói, no conto, o eu-catástrofe. No final do texto literário, ela descreve algumas ações que trazem, como foi dito, à normalidade ao drama e ao perigo. Essa normalidade, podemos salientar, não envolve somente as protagonistas, como também os outros personagens: a irmã da princesa, o príncipe que, no início, iria se casar com a princesa, e a saúde da rainha.

Sim, era primavera e as boas notícias chegaram como mágica no dia em que as primeiras flores se abriam. O reencontro das irmãs foi emocionante. As



famílias aproveitaram a reunião para anunciar oficialmente o casamento dos quatro jovens a todo povo. [...] Cíntia casou-se com Istharr, o seu verdadeiro amor profetizado no dia do seu nascimento. A princesa e a costureira fizeram o que aprenderam durante toda a vida: lutaram por aquilo que acreditavam, não tendo medo de buscar a felicidade e a harmonia consigo mesmas e com todos (LESLÃO, 2015, p. 43).

Além disso, a autora trata o final feliz como uma mágica na chegada da primavera. Sendo mágica algo que impressiona, e a primavera algo que traz de volta as cores ao mundo preto e branco. Diante disso, podemos apontar que Leslão (2015) constrói o eu-catástrofe a partir do momento que evidencia a resolução dos problemas que foram abordados anteriormente neste capítulo de análises. O consolo do final feliz traz à trama uma sensação de dever cumprido e de solução para todos os problemas que envolviam os dois reinos: *EntreRios* e *EntreLagos*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, foi possível perceber a grande contribuição dos estudos no terreno do fantástico para a análise de gêneros literários, no caso específico da construção do Fantasy para compreensão da narrativa. Dessa forma, o trabalho contribui para a investigação científica desses textos literários que protagonizam o lugar do comum. Os resultados extraídos das análises apontam que a configuração do Fantasy na obra *A princesa e a costureira* de Janaína Leslão (2015) se dá a partir do momento que a autora constrói sua narrativa por meio de personagens considerados comuns, como é o caso da presença de uma costureira.

A obra se caracteriza como um conto de fadas, pois é perpassada por características clássicas desse gênero literário, como a presença dos elementos linguísticos “era uma vez” e “felizes para sempre”. Desse modo, a caracterização de um reino encantado colabora para a construção do eu-catástrofe por meio de algumas ações, como a presença de um final feliz para os reinos *EntreLagos* e *EntreRios*, os problemas que antecederam a normalidade dos fatos e o tratamento desse final feliz como uma espécie de mágica.

Esperamos que o presente manuscrito possa influenciar pesquisadores a se debruçarem cientificamente sobre estudos literários, em uma perspectiva de responsabilização ativa daquilo que propomos como categoria de análise. Tencionamos, por fim, que esse povoamento de vozes



possa aguçar o senso crítico de estudiosos da literatura para que desenvolvam, com rigor e inovação, suas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- ARMITT, Lucie. **Fantasy Fiction: An Introduction**. 1ª edição. Shanghai Foreign Language Education Press: Shanghai, 2009.
- ARANTES, Judith Tonioli. **Fantasy e mito em *O silmarillion* de J. R. R. Tolkien**. 156f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Presbiteriana Machenzie, São Paulo, 2016.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 1ª edição. Editora: Paulinas. São Paulo, 2012.
- GOMES, Emanuelle Garcia. **Fantasia, mal e fascínio: um estudo sobre as obras de J. R. R. Tolkien**. 2012. 124f. Monografia (Graduação em História). Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
- GOMES, Emanuelle Garcia. **Literatura fantástica sob as duas visões, as de J. R. R. Tolkien e as de Tzvetan Todorov**. Anais do I CENINHA – Pesquisas em literatura fantástica e em letras. Uberlândia, 2017, p. 59-70.
- JACKSON, Rosemary. **Fantasy: The Literature of Subversion**. 1ª edição. Editora Routledge: Reino Unido, 1981.
- LESLÃO, Janaína. **A princesa e a costureira**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.
- MARQUES, Mirane Campos. **Uma história que não tem fim: um estudo sobre a fantasia literária**. 2015. 202f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.
- MEDVIÉDEV, Pável. A ciência das ideologias e suas tarefas imediatas. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016a [1928], p.41-56.
- MEDVIÉDEV, Pável. A linguagem poética como objeto da poética. In: MEDVIÉDEV, Pável. **O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica**. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016b [1928], p.131-163.
- MENDLESOHN, Farah. **Rhetorics of Fantasy**. 1ª edição. Wesleyan University Press: Middletown, 2008.



MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido; SILVA, Eduardo Dias da. Na era da multiplicidade: fragmentação, intensidade e velocidade no conto *Catástrofe*, de Luiz Vilela. **Revista Água Viva**, v. 4, n. 1, 28 jun. 2019.

SAMPAIO, Lucimar Pinheiro da Silva; SILVA, Eduardo Dias da; DUFFÉ, Aura Luz. Ensino Médio, o leitor e a literatura: os vários sentidos da teoria da recepção. **Práxis Educacional**, [S.l.], v. 15, n. 35, p. 128-143, out. 2019.

SILVA, Eduardo Dias da. O que há em (in)comum entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso em Todorov. **Rascunhos Culturais**, Coxim-MT, v. 06, n. 12, p. 129-140, 2015.

SILVA, Eduardo Dias da. **No jardim das leituras**: similitudes e diferenças entre o lido e o vivido pelas formadoras de leitores do Distrito Federal: o caso da pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília. 2020. 140 f., il. Tese (Doutorado em Literatura).IL/TEL/PósLIT/Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40755> Acesso em: 10 dez. 2020.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TOLKIEN, J. R. R. **Sobre histórias de fadas**. Trad. Reinaldo José Lopes. 1ª edição. Editora Conrad, 2010.

TOLKIEN, J. R. R. **Árvore e folha**. Trad. Reinaldo José Lopes. Editora HarperCollins. São Paulo, 2020.

VOLOCHINOV, Valentin. A Interação Discursiva. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017b [1929]. p. 201-226.